

CAMINHOS DO NASCIMENTO



Sala de parto no meio da avenida

Dois nascimentos em Brasília mostram que, para muitas mães, o bebê não espera chegar à maternidade. Trânsito, distâncias e imprevistos transformam ruas e estradas em cenário de histórias marcantes e cheias de emoção

» ROBERTO FONSECA
» JAQUELINE FONSECA
» ALINE GOUVEIA
» RAPHAELA PEIXOTO

O nascimento de um bebê é um momento marcante que, na maioria das vezes, está envolto em afeto e muito planejamento. A organização, no entanto, pode ser redefinida em função do tempo, do trânsito e da mobilidade urbana como um todo.

Em alguns casos, o tempo do deslocamento é maior que a duração do trabalho de parto e as crianças nascem no caminho. Em ruas, avenidas e rodovias, seja no carro da família, de aplicativo, no ônibus ou até mesmo em uma patrulha.

Segundo a Associação Nacional de Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), 88.251 crianças que nasceram fora do ambiente hospitalar foram registradas em 2024 e, neste ano de 2025, que ainda está na metade, já são 55.556 mil crianças registradas nessa condição.

Em geral, nascer em trânsito não é um ato planejado, mas uma consequência de distâncias, evoluções de parto muito rápidas ou falta de assistência no momento adequado. Ainda que apresente riscos à mãe e ao bebê, o fato pode ser uma aventura inesquecível, que será relatada por toda a vida.

A professora Larine Pires, que mora em Taguatinga, teve o segundo filho, em 2022, dentro do carro da família no meio da EPTG. Ela começou sentir as contrações de madrugada e, de manhã, resolveu ir para o hospital, que ficava a cerca de 18km de casa. No primeiro filho, o trabalho de parto dela foi prolongado, por isso, ela achou que o segundo bebê também demoraria a nascer, mas, nas primeiras horas da manhã de uma quarta-feira, 21 de abril, Ismael nasceu, aos nove meses, a caminho da maternidade.

"A gente encostou perto de uma parada de ônibus. E foi aí que o Ismael nasceu, a minha doula, que estava no carro dela vindo atrás, veio, deu uma olhada, embalou ele. (...) E aí a gente viu que estava tudo bem, ele estava no meu colo, ficou aquecido e a gente foi para a

Arquivo Pessoal



Joanna teve o bebê dentro do carro, no Buraco do Tatu, próximo ao Marco Zero de Brasília

maternidade. Chegamos lá, a minha médica já estava esperando ali na porta do hospital. Ela deu uma avaliada, estava tudo bem e cortou o cordão umbilical. Aí, o registro de nascimento dele ficou com o local de EPTG", detalhou Larine.

Marco Zero de Brasília

No mesmo ano, um outro nascimento marcou a capital. A veterinária Joanna Macedo saiu do Setor de Mansões do Lago Norte para chegar a uma casa de parto na Asa Sul. O trajeto, de 28km, foi percorrido várias vezes durante as consultas de pré-natal e levaram entre 30 e 40 minutos. Mas, naquele 23 de setembro de 2022, um acidente com vazamento de óleo na pista gerou um atraso maior que o previsto. O fato que, a princípio era considerado um obstáculo, se tornou também um marco na trajetória da família e de Brasília. Tomás nasceu no carro, no Buraco

do Tatu, a poucos metros do Marco Zero da capital, com auxílio de uma equipe do Corpo de Bombeiros que, inicialmente, atuava na limpeza da pista.

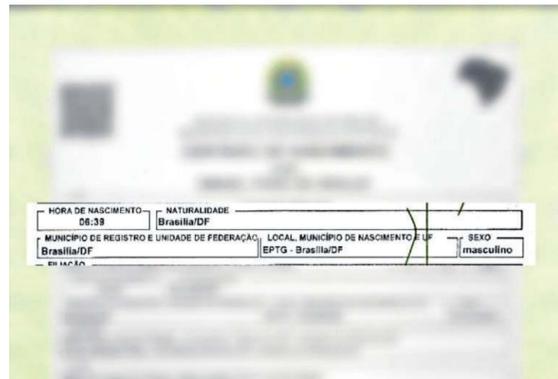
O pai da criança, o designer Pedro João Almeida Borges, dirigia o carro da família com a máxima velocidade possível quando, no final da Asa Norte, percebeu o trânsito parado. Ao lado dele, no banco da frente, estava Joanna, que — àquela altura — já tinha se dado conta de que não seria possível chegar até o local previsto para o nascimento. Ela avisou ao pai que não havia mais tempo e que ele precisava estacionar, mas o motorista não tinha alternativas. Ao avistar um carro de polícia ultrapassando todos os carros — e dada a urgência da situação —, ele pegou o vâcuo da patrulha e seguiu em frente. Ao se aproximar de um veículo dos bombeiros, foi repreendido por um agente em função da infração de trânsito,

mas gritou instantaneamente: "É parto! É parto!".

Após o anúncio, as condutas foram revisadas, e a equipe do Corpo de Bombeiros se mobilizou para verificar o caso e proceder o atendimento da melhor forma possível. "Foi engraçado. A equipe estava com as mãos sujas porque estava mexendo com terra. Mas, na mesma hora, se limparam, colocaram as luvas e disseram: 'Pode deixar, a gente sabe o que fazer'. Foi uma reação imediata e serena também. No momento em que vi um caminhão de bombeiros parado no horizonte, mirei o norte e falei ali, estacionei e atrás e falei daqui eu não saio".

O sargento Hartmann, que já tinha experiência em partos, verificou o avanço do trabalho de parto e confirmou o que a mãe já suspeitava. Não havia tempo de chegar a um hospital, e o bebê conseguiu realizar o parto e recebeu o filho, Tomás, sentada no banco

Material cedido ao Correio



Certidão do filho de Larine consta EPTG como local de nascimento



Confira uma playlist com todos os vídeos da série *Caminhos do nascimento*

dianheiro do carro da família.

"O Tomás nasceu, eu mesma peguei ele, e a gente descobriu que era um menino. Ele ficou ali ao meu lado e, para mim, o mundo parou. Era só eu e meu bebê, e aquela tentativa de colocá-lo em contato comigo, de aquecê-lo e tudo. O Hartmann deu uma olhada nele", explicou Joanna. "Ele saiu, não chorou inicialmente, eu falei para segurar ele de lado, aí ele chorou, e ficou tudo bem", emendou o sargento.

Joanna conta que a distância entre a residência dela e a casa de parto onde o nascimento de Tomás era planejado foi uma questão de preocupação durante o pré-natal, mas a rápida evolução do trabalho de nascimento e o trânsito parado no meio do caminho não estavam no roteiro. Por outro lado, ela afirma que a preparação que recebeu da equipe que a acompanhou durante a gestação e a técnica com empatia no socorro

realizado fizeram total diferença.

Sem que ninguém soubesse até aquele momento, a equipe que acompanhou Joanna no pré-natal foi a mesma que atendeu à mulher do sargento Hartmann durante as duas gestações dela. Com isso, Joanna sentiu ainda mais confiança e identificou que se tratava de um encontro especial.

"No momento que ele se aproximou, eu olhei aquela terra e eu vi monstros do pântano chegando para pegar meu bebê e eu não queria isso. E quando ele pegou essa informação e falou 'Meus filhos nasceram por essa equipe, eu estou aqui para te ajudar'. Ele me respeitou e ficou ali a postos. E isso me deu uma segurança absurda", disse Joanna. Nos últimos sete anos, o Corpo de Bombeiros realizou 5.557 partos no DF. Muitos deles em vias públicas ou meios de transporte, longe do ambiente hospitalar, mas com técnica e segurança.

Ideias para mudar a realidade

No Brasil, nascer com todos os direitos garantidos ainda é um privilégio. Essa é a constatação que une dois episódios do Podcast do Correio, da série Caminhos do Nascimento, que mergulham no "apagão de maternidades" existente no Brasil e em seus efeitos sobre a saúde materno-infantil.

Em conversa com os jornalistas Roberto Fonseca e Jaqueline Fonseca, a presidente da comissão de direito médico da OAB-DF, Karine Alcântara, apontou os obstáculos jurídicos e estruturais que surgem após o nascimento no país. Entre eles, o mais básico: mais da metade dos municípios brasileiros não têm estrutura para partos, o que obriga gestantes a viajar longas distâncias — muitas vezes sem transporte adequado — para conseguir atendimento.

Além dos riscos físicos, essa peregrinação dificulta outro

direito fundamental: o registro de nascimento. Quando o parto ocorre fora do ambiente hospitalar, é preciso abrir procedimento no cartório, com checagem de informações, podendo envolver o Judiciário e o Ministério Público. Populações vulneráveis, como moradores de rua, indígenas e ribeirinhos, estão entre as mais prejudicadas.

A Lei de Naturalidade Afetiva, nº 13.484/17, ameniza parte do problema, permitindo registrar como cidade natal o município de residência da mãe, mesmo que o parto tenha ocorrido em outro local, preservando vínculos culturais e comunitários.

Visão de uma médica

No segundo episódio, apresentado por Roberto Fonseca e Aline Gouveia, a médica obstetra Lucila

Nagata, referência no Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB), detalhou o impacto do "apagão" na assistência obstétrica. Só no Distrito Federal, um a cada quatro partos na rede pública é de pacientes de outras unidades da Federação. Sem planejamento intermunicipal, muitas prefeituras preferem investir em transporte a construir maternidades, enviando pacientes sem avisar os hospitais de destino.

As consequências são graves: viagens de até oito horas em casos de hemorragia ou contrações avançadas; partos no meio da estrada; famílias desestruturadas pelo afastamento da mãe; e custos extras com estadia e alimentação.

Lucila defende medidas urgentes, como pré-natal eficiente, diagnóstico precoce de riscos, casas de apoio próximas a centros especializados, treinamento de parteiras e integração entre municípios.

Benjamin Figueiredo/CB/D.A. Press



Karine Alcântara, da OAB-DF: "Não basta ter leis"

Para Karine, a mudança também exige pressão social, atuação firme das instituições e compromisso dos gestores. "Não basta ter

Benjamin Figueiredo/CB/D.A. Press



Lucila Nagata, médica, defende integração entre municípios

leis", resume a advogada. "É preciso fazer com que elas cheguem na ponta, onde as pessoas realmente precisam."



Confira a entrevista com a advogada Karine Alcântara



Confira entrevista com a médica obstetra Lucila Nagata